

## **A participação de atletas mulheres nos Jogos Olímpicos: a busca por igualdade de gênero e a repercussão midiática no século XXI<sup>1</sup>**

Alicia Rufino SOARES<sup>2</sup>

Iluska Maria da Silva COUTINHO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### **RESUMO**

As mulheres disputam os Jogos Olímpicos desde a sua segunda edição em 1900, entretanto, apenas em Paris 2024, a igualdade de gênero foi estabelecida (na teoria) no torneio. A partir da pesquisa bibliográfica e documental em portais jornalísticos, artigos científicos e páginas das instituições olímpicas, propõe-se neste trabalho compreender como a mídia divulgou neste século os principais acontecimentos relacionados a essa presença feminina. Além disso, o artigo reflete sobre as consequências da ampliação dessa participação para a sua propagação midiática, o desenvolvimento da cobertura esportiva com a presença de atletas do sexo feminino e a sua popularização no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Olimpíadas; Mulheres no Esporte, Jornalismo Esportivo, Revisão Bibliográfica, Estudo da Mídia.

### **INTRODUÇÃO**

Na Antiguidade, as mulheres eram impedidas de participar dos Jogos Olímpicos, até mesmo como espectadoras, com o argumento de que o torneio era destinado à virilidade, à fisicalidade e à honra do homem como herói. Dos atletas se exigiam características como tamanho corporal, força física e habilidade, então identificadas como atributos exclusivos do sexo masculino. Em sintonia com essa perspectiva, a inserção da mulher no esporte foi constantemente alvo de críticas, veiculadas especialmente pela mídia que, conforme indicam uma série de estudos (Miragaya, 2006; Firmino e Ventura, 2007; Guarnier, 2024), representava as atletas destacando suas características físicas e emocionais ao invés de seus atributos técnicos.

Alguns autores atribuem a iniciativas do Comitê Olímpico Internacional (COI) em conjunto com o Movimento Olímpico (federações esportivas internacionais, comitês olímpicos nacionais, veículos de transmissão e comissões organizadoras) a busca por maior igualdade no número de atletas, de voluntários e de colaboradores. Entretanto, mesmo com o estabelecimento da Agenda Olímpica 2020 e de outras missões, a

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação Social no PPGCom-UFJF, email: [aliciarsoares@gmail.com](mailto:aliciarsoares@gmail.com).

<sup>3</sup> Professora Titular da Faculdade de Comunicação e do PPGCOM-UFJF, email: [iluska.coutinho@ufjf.br](mailto:iluska.coutinho@ufjf.br)

igualdade de gênero não ocorreu na prática nos Jogos Olímpicos de Paris deste ano, já que a lista final apresentou 201 homens a mais na contagem (Arenillas, 2024; Guarnier, 2024).

A proposta deste artigo é compreender a divulgação dos principais eventos da participação feminina nos Jogos Olímpicos pela mídia no século XXI, relacionando essa representação com a cobertura esportiva, o comportamento de sua audiência e a própria evolução da modalidade ao decorrer dos anos na competição.

## **OS JOGOS OLÍMPICOS**

Os Jogos Olímpicos da Era Moderna acontecem desde 1896, porém, as mulheres só passaram a participar do torneio na segunda edição, em 1900. Apenas 2,2% de quase mil atletas eram mulheres. Naquela época, as únicas 16 competidoras do sexo feminino tinham sua participação restrita à duas modalidades: tênis e golfe. Isso porque o Comitê Olímpico Internacional (COI) considerava esses esportes mais adequados para a preservação da sua beleza corporal, dos seus papéis sociais e da sua saúde reprodutiva (Rubio & Simões, 1999; Goellner, 2016).

Diante disso, o próprio idealizador dos Jogos Olímpicos, o Barão de Coubertin, era contra a participação feminina, influenciando nas decisões do torneio. Para o pedagogo francês, os corpos femininos eram adequados exclusivamente para a procriação e a disputa de esportes os prejudicariam. Por outro lado, é interessante destacar a existência das Olimpíadas de Arte entre os anos de 1912 e 1948, em que as mulheres podiam participar de qualquer uma das cinco categorias (arquitetura, escultura, pintura, música e literatura (Amaro, 2020; Costa, 2020).

O número de mulheres participantes dos Jogos Olímpicos aumentou de forma significativa a partir da década de 1960; era o momento da afirmação da entrada da mulher no mercado de trabalho, do movimento feminista e da revolução sexual. Também nesse contexto, a Guerra Fria se consolidava, a União Soviética e outros países do Leste passaram a participar do torneio, incluindo as mulheres em suas equipes. Como consequência, essa presença expandiu de 10,5% em 1952 para 20,7% em 1976 (Miragaya, 2006; Firmino & Ventura, 2017; Olympics, 2024h).

Posto isso, a partir da década de 1970, o Comitê Olímpico Internacional também introduziu o desenvolvimento de iniciativas que buscavam a igualdade de gênero no

esporte. Em 1994, foi estabelecida a Declaração de Brighton, além de outras missões relacionadas à inserção feminina e ao desenvolvimento de um mundo mais justo e igualitário, em conjunto com a Organização das Nações Unidas (Olympics, 2024h).

Outro marco histórico da trajetória feminina nos Jogos Olímpicos foi a edição de 2012, em Londres. Descrita como “Os Jogos Femininos”, foi a primeira vez no torneio em que todos os países participantes tiveram atletas mulheres em suas delegações, com um dos maiores percentuais da história: 44% e 4.676 atletas. Nas edições seguintes, tanto no Rio de Janeiro (2016) como em Tóquio (2021), foram mais de cinco mil atletas — representando 45% e 48,8% respectivamente (Masterson, 2024; Olympics, 2024h).

Desde então, é possível citar inúmeras mulheres que fizeram e fazem história na competição olímpica. São elas Charlotte Cooper (primeira medalhista olímpica no Tênis em 1900), Pirjo Häggmann e Flor Isava Fonseca (primeiras mulheres a se tornarem membros do conselho do COI em 1981), Maria Lenk (primeira atleta sul-americana e brasileira a competir nos Jogos Olímpicos), Jacqueline e Sandra (primeiras atletas brasileiras a conquistarem uma medalha de ouro, no Vôlei de Praia em 1996), Anita DeFranz (primeira mulher vice-presidente do COI), entre outras.

**Tabela 1 -** Modalidades femininas inseridas no Programa Olímpico de Verão

<b>Ano</b>	<b>Modalidade</b>
1900	Tênis e Golfe
1904	Arco e Flecha
1908	Tênis* e Patinação
1912	Natação
1924	Esgrema
1928	Atletismo e Ginástica
1948	Canoagem
1952	Hipismo
1964	Vôlei
1976	Remo e Basquete
1984	Tiro Esportivo e Ciclismo
1988	Tênis*, Tênis de Mesa e Vela
1992	Badminton, Judô e Biatlo
1996	Futebol e Softbol
2000	Weightlifting, Pentatlo

	Moderno, Triatlo e Taekwondo
<b>2004</b>	Wrestling
<b>2012</b>	Boxe
<b>2016</b>	Golfe* e Rugby
<b>2020</b>	Beisebol/Softbol*, Karatê, Skate, Escalada e Surfe
<b>2024</b>	Breaking
Esportes com * foram reinseridos no Programa Olímpico	

Fonte: Olympics (2024h). Elaborado pela autora.

Em continuação às iniciativas que buscam a paridade de gênero na competição, o Comitê Olímpico Internacional definiu as Agendas Olímpicas 2020 e 2020+5, com o intuito de chegar a igualdade entre homens e mulheres tanto na competição esportiva, como em outros cargos na competição, relacionados ao número de colaboradores e voluntários e na gerência da entidade. As Nações Unidas também definiram objetivos de desenvolvimento sustentável para 2030 e de inclusão e igualdade de gênero para 2024 (Olympics, 2024b, 2024c, 2024h).

Como resultados apresentados, 40,6% dos membros, 33,3% do quadro de executivos e 42% das presidências das Comissões do COI são mulheres, ainda que tenha alcançado a paridade dentro de todos os cargos dentro dessas delegações. Também buscou-se a igualdade na presença de eventos femininos e masculinos nos horários nobres da televisão, para que as atletas tenham mais visibilidade comparada com edições anteriores das Olimpíadas. O COI também desenvolveu um guia orientando o posicionamento da mídia no torneio em relação à representação feminina — inclusive dos cinegrafistas do Olympic Broadcasting Services (International Olympic Committee, 2024g; Olympics, 2024g, 2024h; Sanches, 2024).

O objetivo traçado pelo Comitê Olímpico Internacional era que os Jogos Olímpicos de Paris 2024 fossem a primeira edição com a mesma quantidade de atletas homens e mulheres, assim como nos Jogos Olímpicos da Juventude 2018 em Buenos Aires e nos Jogos Olímpicos de Inverno da Juventude 2020 em Lausanne. Entretanto, mesmo com a entidade tendo destinado 5.250 vagas para mulheres e 5.250 vagas para homens, os atletas do sexo masculino ocuparam 50,9% delas e as atletas do sexo feminino ocuparam 49.1%. Apesar disso, de 1900 até 2024, foram 46,9% de muita luta

das mulheres em conjunto com iniciativas propostas pelo COI (Araújo et al., 2021; Masterson, 2024; Olympics, 2024b, 2024c, 2024e).

Tabela 2: Evolução da participação de atletas mulheres nos Jogos Olímpicos de Verão

<b>Ano</b>	<b>Atletas Mulheres</b>	<b>%</b>	<b>Eventos Femininos</b>	<b>%</b>
1900	22	2,2	2	2,1
1904	6	0,9	3	3,1
1908	37	1,8	4	3,6
1912	48	2	5	4,9
1920	63	2,4	8	5,1
1924	135	4,4	10	7,9
1928	277	9,6	14	12,8
1932	126	9	14	12
1936	331	1,3	15	11,6
1948	390	9,5	19	14
1952	519	10,5	25	16,8
1956	376	13,3	26	17,2
1960	611	11,4	29	19,3
1964	678	13,2	33	20,2
1968	781	14,2	39	22,7
1972	1.059	14,6	43	22,1
1976	1.260	20,7	49	24,7
1980	1.115	21,5	50	24,6
1984	1.566	23	62	28,1
1988	2.194	26,1	72	30,4
1992	2.704	28,8	86	33,5
1996	3.512	34	97	35,8
2000	4.069	38,2	120	40
2004	4.329	40,7	125	41,5
2008	4.637	42,4	127	42,1
2012	4.676	44,2	132	43,7
2016	5.059	45	136	44,4
2020	5.457	47,8	156	46
2024	5.321	49,1	151	45,9

Fonte: Olympics (2024). Elaborado pela autora.

## **COMPREENDENDO A PRESENÇA DAS ATLETAS OLÍMPICAS NA MÍDIA**

Segundo Silvana Goellner (2013), o esporte é uma prática social sexuada, já que é praticada por ambos os sexos, e também generificada, pois nele são construídas identidades masculinas e femininas. Entretanto, Pierre Bourdieu (2012) ressalta que a estrutura da sociedade expõe a dominação masculina a partir das divisões de atividades atribuídas ao homem e à mulher. Logo, a participação feminina no esporte pode desestabilizar as representações de gênero socialmente construídas (Goellner, 2016).

Levando em conta a Teoria Social de Erving Goffman (1985), os estigmas são processos sociais dados a partir da relação entre indivíduos “normais” e “estigmatizados”, por meio da atribuição de estereótipos (criados e manipulados). No caso das mulheres no esporte, esses estigmas estão diretamente relacionados à questão da feminilidade e outras características como graciosidade, beleza e delicadeza. Quando elas não as apresentam, são descredibilizadas de seu papel feminino e sofrem distintos atos discriminatórios machistas e sexistas tanto da sociedade como da mídia.

Para Camargo (1999), a mídia contribui para a construção do imaginário coletivo dos indivíduos e a forma que representam as atletas é imprescindível para a formação da opinião social. Diante disso, o esporte é considerado um “espetáculo”, conceituado por Guy Debord (1997) como um conjunto de imagens, representações e mensagens que intermediam as interações humanas e moldam como as pessoas veem o mundo ao seu redor. Sendo assim, para vender sua mercadoria, é necessário seduzir o espectador. Logo, Coubertin chegou a permitir mulheres competindo em modalidades como o tênis e o golfe, mas renegava a sua participação em lutas, que confrontavam a ideia de fragilidade feminina e os interesses do público masculino espectador.

O crescimento da participação das mulheres no ambiente esportivo, sobretudo nos Jogos Olímpicos, aconteceu simultaneamente com o período de guerras e crises do século XX, após o desenvolvimento do movimento feminista e da pós-modernidade. Esses movimentos são responsáveis por produzir a identidade e a resistência dos grupos em questão, marginalizados e desrespeitados pela sociedade — e com estereótipos perpetuados pelos meios de comunicação de massa, através da promoção da autoridade de classes dominantes e da distorção da realidade (Kellner, 2001; Honneth, 2003).

---

A medida que a sociedade é modificada, a identidade também se transforma, perceptível principalmente na transição entre a modernidade e a pós-modernidade. A crise de identidade é responsável por deslocar as estruturas e os processos centrais sociais, além de modificar os seus quadros de referência. Assim, a identidade antes atribuída às mulheres de mãe, dona do lar, frágil e feminina, que trazia barreiras em relação às práticas do esporte, foi se modificando e possibilitando a sua inserção no esporte. Como consequência, elas também se transformaram para que ocupassem esses espaços, transformando toda uma cultura e deslocando o seu papel social no tempo e no espaço, apesar da ainda existência desses estereótipos de feminilidade (Castells, 1999, 2018; Goellner, 2005; Hall, 2004; Miragaya, 2006; Cafeo & Marques, 2019).

Além disso, os termos “igualdade de gênero” e “equidade de gênero” são distintos, com objetivos ímpares. O conceito de “igualdade” está relacionado ao oferecimento de oportunidades iguais a toda a sociedade, adequando-se ao princípio da universalidade — todas as pessoas regidas pelas mesmas regras e com os mesmos direitos e deveres. Já o termo “equidade” consiste em adaptar essas oportunidades ao que se considera justo às necessidades de cada indivíduo. Ou seja, a lei é aplicada de acordo com situações particulares, além do seu caráter abstrato e geral (Lopes, 2023).

Para identificar todos os acontecimentos relevantes da linha do tempo da participação das atletas nas Olimpíadas, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental nos sites oficiais do Comitê Olímpico Internacional (pela busca direta interna), em portais jornalísticos online (pelo Google Notícias) e em artigos de pesquisadores da área (pelo Google Acadêmico).

No âmbito desse artigo, a proposta é, a partir dessa investigação, entender não somente a transformação dos eventos esportivos, mas também como os veículos da mídia cobriram a presença das mulheres nas Olimpíadas, com destaque para a repercussão da opinião do público sobre essa participação, a partir dos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A mídia nem sempre esteve presente no cenário dos Jogos Olímpicos. A primeira demonstração disso ocorreu em Paris 1924, por meio de placas de propaganda, já a cobertura jornalística no rádio e na TV começou a ser realizada na década seguinte.

---

No geral, a representação da mulher atleta no século XX quase sempre esteve relacionada aos seus atributos físicos e emocionais em detrimento das conquistas esportivas, apresentando estereótipos à sociedade. Além disso, a sua visibilidade nos meios de comunicação era inferior a dos atletas do sexo masculino (Soares, 2024a).

No Brasil, essas mulheres se desenvolveram juntamente com todo o contexto do desenvolvimento industrial e provocaram a produção de espetáculos em circos e festas esportivas. As primeiras notícias relacionadas à formação de times datam para o início da década de 1940, antes da instauração do Decreto-Lei 3.199 do Conselho Nacional de Desportos (CND). Tal proibição sucedeu tanto no atraso no desenvolvimento das modalidades femininas como no estranhamento do público após o retorno dessas atividades. Outras consequências foram a falta de espaço e de visibilidade nos veículos de comunicação e a reprodução de estereótipos pela imprensa em relação às atletas (Goellner, 2005; Bonfim, 2019; Mendonça, 2019; Araújo & Ventura, 2021).

A interação entre mídia e esporte comumente apresentava expectativas tradicionais relacionadas à existência de esportes masculinos, como futebol e hóquei, e esportes femininos, como ginástica olímpica e nado sincronizado. Quando as mulheres praticavam esportes considerados masculinos, os meios de comunicação não destacavam sua performance atlética. Contudo, nas modalidades “adequadas”, o foco era em suas apresentações técnicas, resultando também em comentários do público sobre as suas características físicas (Knijnik e Souza, 2004).

Assim, os Jogos Olímpicos de 2016 aconteceram no Rio de Janeiro e foram amplamente divulgados pela imprensa. Apesar do constante aumento da participação da mulher no torneio, as mídias tradicionais continuaram com os mesmos focos na representação conforme o gênero, apresentando características físicas e emocionais e contando histórias de superação em relação à jornada dupla feminina (como esposa e mãe) e até mesmo sobre relacionamentos afetivos (e sua orientação sexual). Por outro lado, essas representações expressavam menos preconceito e discriminação quando comparadas àquelas registradas no século XX (Goellner, 2016; Homem, 2017).

Tanto na edição de 2016 como em Tóquio (2021), os veículos de comunicação destacaram as conquistas das mulheres, apresentando perfis de atletas conhecidas como Ana Marcela Cunha, Rebeca Andrade e Rayssa Leal. O seu reconhecimento também foi salientado quando performaram de maneira superior aos homens do mesmo esporte.



---

Alguns estudos destacam, por exemplo, a comparação realizada em 2016 entre os desempenhos de Marta e Neymar (Costa, 2019; Fornari et al., 2019, 2022).

Sendo assim, em 2024, apesar da promessa do Comitê Olímpico Internacional em garantir a igualdade de gênero no torneio, isso não foi confirmado. Essa edição apresentou 157 competições masculinas, 152 femininas e 20 mistas. Um estudo realizado por Soares (2024b) concluiu que 23,1% das notícias publicadas pelos portais jornalísticos online brasileiros entre julho e agosto deste ano certificaram esse insucesso, com parte deles explicando o motivo para tal — a distribuição de vagas das modalidades mistas ficarem a cargo das próprias delegações (Costa & Guerra, 2024; Knoploch, 2024; Olympics, 2024b; Petrocilo, 2024).

Em compensação, pela primeira vez na história, a delegação brasileira viajou para os Jogos Olímpicos com mais atletas mulheres do que homens: 153 representantes dos 276 integrantes do Time Brasil, o equivalente a 55% do total — em Tóquio 2021 foram 47%. Isso aconteceu porque as seleções de futebol e de handebol masculinas não se classificaram para o torneio. As mulheres também conquistaram mais medalhas: 12 em um total de 20. Em consonância, os veículos de comunicação também estão promovendo a diversidade de gênero. A TV Globo, por exemplo, aumentou a participação de mulheres de 15% em 2019 para 43% em 2024, incluindo ex-atletas olímpicas como Daiane dos Santos e Fernanda Garay (Fillipo, 2024; Knoploch, 2024).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mesmo com a discriminação constante da sociedade e da própria mídia, as mulheres conquistaram o seu espaço no esporte e tiveram sua participação mais do que duplicada nos últimos 40 anos, chegando a bem próximo da igualdade nos Jogos Olímpicos de Paris. Apesar da representação midiática ainda focar em seus atributos físicos e emocionais acima de suas conquistas no esporte, é disseminada uma imagem menos discriminatória, o que contribui para que o público acompanhe a modalidade e torça pelo sucesso das atletas.

A visão da mulher com aspectos de feminilidade e fragilidade de uma visão patriarcal resultou em uma exclusão e estigmatização do esporte durante o século XX. A partir da década de 1960, após as Guerras Mundiais e a ascensão da Guerra Fria, assim como o surgimento dos movimentos sociais de gênero, foi possível o maior crescimento

desse espaço, principalmente após o início de uma luta por reconhecimento e a realização de movimentos de gênero contra a dominação masculina e a atuação da mídia, que reforçava os estereótipos, espetacularizava os seus corpos e negligenciava os seus atributos esportivos.

Para a edição de Paris 2024, a comissão organizadora desenvolveu um calendário que garantisse o equilíbrio entre os gêneros nas sessões do horário nobre, a fim de promover o esporte feminino principalmente entre os jovens — que não possuem ideias estereotipadas sobre gênero em relação às gerações anteriores. Mostra-se, portanto, o papel fundamental dos meios de comunicação na construção de imagens e de narrativas e na influência da percepção pública das mulheres no esporte. Espera-se que os veículos de comunicação também busquem maior igualdade tanto na transmissão dos eventos como em sua cobertura dos acontecimentos.

## REFERÊNCIAS

- AMARO, Fausto. As mulheres nos esportes olímpicos: olhares da imprensa carioca (1920-1935). FuLiA/UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil, v. 4, n. 3, p. 172–192, 2020.
- ARENILLAS, Sergio. O sistema oficial das olimpíadas de Paris lista 10.843 atletas em Paris 2024 [...]. São Paulo, 01 de agosto de 2024. Twitter: @sergeta. Disponível em: <https://x.com/sergeta/status/1819197858819502546> Acesso em: 03 ago. 2024.
- ARAÚJO, Erick Thiago Cardoso et al. A trajetória histórica da participação das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. EnPE, v. 8, n. 1, 2021.
- AS relações de gênero nos Jogos Olímpicos. UFF, 2024. Disponível em: <https://www.uff.br/?q=noticias/16-07-2024/relacoes-de-genero-nos-jogos-olimpicos> Acesso em: 03 ago. 2024.
- BONFIM, Aira Fernandes. Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social sobre o futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019. 213 f. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 11º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CAFEO, Marta Regina Garcia. Guerreiras ou meninas: análise das representações das atletas olímpicas na cobertura da “Rio 2016” realizada pelo jornal O Globo - Rio. 2019. 266f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2019.
- CAFEO, Marta Regina Garcia. MARQUES, José Carlos. Análise das Representações das Atletas Olímpicas nas Capas do Caderno Especial Rio-2016. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 42º, 2019, Belém. Anais de Congresso. Itajaí: Intercom, 2024.

---

CAMARGO, Vera Regina Toledo. O movimento olímpico e os meios de comunicação de massa: a interdependência e a perpetuação do mito esportivo. IN: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, setembro de 1999.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. Ruptura: a crise da democracia liberal. São Paulo: Zahar, 2018.

CAVALCANTI, Gardenia. A força feminina nos Jogos Olímpicos. O Dia, 2024. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/dmulher/gardenia-cavalcanti/2024/07/6879024-a-forca-feminina-nos-jogos-olimpicos.html> Acesso em: 03 ago. 2024.

COSTA, Leda. Marta versus Neymar. A “Guerra dos Sexos” nos Jogos Olímpicos 2016. Intercom–Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, p. 1-15, 2019.

\_\_\_\_\_. Competições olímpicas de arte e a história das mulheres no esporte. Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte, 2024. Disponível em: <https://www.leme.uerj.br/competicoes-olimpicas-de-arte-e-a-historia-das-mulheres-no-esporte/> Acesso em: 07 out. 2024.

COSTA, Guilherme; GUERRA, Marcos. Paris 2024 não alcança equidade prometida e terá mais homens do que mulheres; entenda. Globo Esporte, 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/07/17/paris-2024-nao-alcanca-equidade-prometida-e-tera-mais-homens-do-que-mulheres-entenda.ghtml> Acesso em: 02 ago. 2024.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERRETTI, Marco Antônio de Carvalho. O Futebol Feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim. Motriz, Rio Claro, v.17 n.1, p.117-127, jan./mar. 2011.

FILLIPO, Marina. Olimpíadas de Paris: pela 1ª vez, 43% das transmissões na Globo terão a participação de mulheres. Exame, 2024. ESG. Disponível em: <https://exame.com/esg/olimpiadas-de-paris-pela-1a-vez-43-das-transmissoes-na-globo-terao-a-participacao-de-mulheres/> Acesso em: 27 jun. 2024.

FIRMINO, Carolina Bortoleto. “Sou atleta, sou mulher”: a representação feminina e as modalidades mais noticiadas nas Olimpíadas de Londres 2012. 10º Interprogramas de Mestrado Cásper Líbero.

FIRMINO, Carolina; VENTURA, Mauro de Souza. A representação da atleta brasileira nos Jogos Olímpicos de 2012 e as perspectivas para 2016. 7º Encontro Paulista de Professores de Jornalismo da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2016.

\_\_\_\_\_. A evolução histórica da participação feminina nos Jogos Olímpicos da Era Moderna e a inclusão das mulheres no esporte de competição. Triade: Comunicação, Cultura e Mídia, v. 5, n. 10, 2017.

FORNARI, Lucimara Fabiana et al. Perspectiva de gênero nas reportagens sobre mulheres atletas nos jogos olímpicos Rio 2016. Texto & Contexto-Enfermagem, v. 28, 2019.

\_\_\_\_\_. Mulheres atletas nas Olimpíadas de Tóquio 2020: olhares da imprensa escrita brasileira. Comunicação & Inovação, v. 25, n. 53, p. 109-126, 2022.

---

GARCIA, Rafael Marques; SILVA, Alan Camargo; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Retratações de gênero nos Jogos Olímpicos Rio 2016. *Gênero, Niterói*, v.20, n.1, p.194-211, 2019.

GIGLIO, Sergio Settani et al. Desafios e percalços da inserção da mulher nos Jogos Olímpicos (1894-1965). *Recordes, Rio de Janeiro*, v. 11, n. 1, p. 1-22, jan./jun. 2018.

#GENDEREQUALOLYMPICS: Paris 2024 making history on the field of play. International Olympic Committee, 2024a. Disponível em: <https://olympics.com/ioc/news/genderequalolympics-paris-2024-making-history-on-the-field-of-play> Acesso em: 02 ago. 2024.

GENDER equality & inclusion Report 2021. International Olympic Committee, 2022. Disponível em: <https://stillmed.olympics.com/media/Documents/Beyond-the-Games/Gender-Equality-in-Sport/2021-IOC-Gender-Equality-Inclusion-Report.pdf> Acesso em: 02 ago. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo*, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

\_\_\_\_\_. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. *Tempo*, v. 19, p. 45-52, 2013.

\_\_\_\_\_, Silvana Vilodre. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. *Revista USP, São Paulo, Brasil*, n. 108, p. 29–38, 2016.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes. 1985.

GUARNIER, Laura. Olimpíadas de Paris 2024: a igualdade de gênero construída. *Economia do Esporte de Mulheres*, 2024. Disponível em: <https://esportedemulheres.blog/2024/06/20/olimpiadas-de-paris-2024-a-igualdade-de-genero-construida/>. Acesso em: 22 jun. 2024.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

HOMEM, Tatiana Bispo. Representação das atletas nos Jogos Olímpicos de 2016: uma análise da Revista AzMina e do Globo Esporte. 2017. 101 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) na Faculdade de Artes e Letras - Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2017.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34, 2003

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Olympics**, 2024b. Gender Equality. Disponível em: <https://olympics.com/ioc/gender-equality>

\_\_\_\_\_. **Olympics**, 2024c. Olympic Agenda 2020. Disponível em: <https://olympics.com/ioc/olympic-agenda-2020>

KELLNER, Douglas. *Cultura da mídia: estudos culturais – identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; SOUZA, Juliana Sturmer Soares. Diferentes e desiguais: Relações de gênero na mídia esportiva brasileira; In: Antonio Carlos Simões, Jorge Dorfman Knijnik

---

(orgs). O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo, Aleph, 2004 (p. 191-212)

KNOPOCH, Carol. Paris-2024: Brasil pode ter a menor delegação desde os Jogos de Londres. O Globo, 2024. Olimpíadas. Disponível em:  
<https://oglobo.globo.com/esportes/olimpiadas/noticia/2024/06/26/paris-2024-brasil-pode-ter-a-menor-delegacao-desde-os-jogos-de-londres.ghtml> Acesso em: 28 jun. 2024.

LOPES, Thays Batista. A diferença entre igualdade e equidade: o desafio da justiça social. Politize! 2023. Cidadania, Cultura e Sociedade. Disponível em:  
<https://www.politize.com.br/igualdade-e-equidade/> Acesso em: 27 jun. 2024.

MASTERSON, Victoria. How Paris 2024 aims to become the first-ever gender-equal Olympics. World Economic Forum, 2024. Disponível em:  
<https://www.weforum.org/agenda/2024/04/paris-olympics-2024-gender-parity/#:~:text=For%20the%20first%20time%20in,on%20the%20field%20of%20play> . Acesso em: 22 jun. 2024.

MENDONÇA, Renata. Como elas chegaram lá. UOL, São Paulo, 8 mar. 2019. Disponível em:  
<https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/como-elas-chegaram-la/#cover> Acesso em: 23 jun. 2024.

MIRAGAYA, Ana. As mulheres nos Jogos Olímpicos: participação e inclusão social. Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social, v. 1, p. 229-231, 2007.

MORAES, Bruna Caroline Soares Lopes. A representação da mulher atleta na mídia esportiva brasileira durante a cobertura dos Jogos Olímpicos de 2016. 2017. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física - Modalidade Saúde) – Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2017.

MULHERES nos Jogos Olímpicos. Iberdrola, 2024. Disponível em:  
<https://www.iberdrola.com/compromisso-social/esporte-feminino/mulheres-nos-jogos-olimpicos> Acesso em: 01 ago. 2024.

OLAF, Paula. Representatividade Feminina nas Olimpíadas de 2024: Um Marco de Progresso e Desafios. Disponível em:  
[https://pt.linkedin.com/pulse/representatividade-feminina-nas-olimp%C3%ADadas-de-2024-um-paula-olaf-eq2qf?trk=public\\_post](https://pt.linkedin.com/pulse/representatividade-feminina-nas-olimp%C3%ADadas-de-2024-um-paula-olaf-eq2qf?trk=public_post) Acesso em: 02 ago. 2024.

OLYMPIC records: From most successful to the youngest medallists - who's who. International Olympic Committee, 2024d. Disponível em:  
<https://olympics.com/en/news/olympics-records-most-medals-michael-phelps-youngest-medallists> Acesso em: 02 ago. 2024.

PARIS 2024: The first Games to achieve full gender parity. Olympics, 2024e. Disponível em:  
<https://olympics.com/en/news/paris-2024-first-games-to-achieve-full-gender-parity>.<sup>9</sup> Acesso em: 22 jun. 2024.

PARIS 2024: Record-breaking Olympic Games on and off the field. International Olympic Committee, 2024f. Disponível em:  
<https://olympics.com/ioc/news/paris-2024-record-breaking-olympic-games-on-and-off-the-field> Acesso em: 02 ago. 2024.

PETROCILO, Carlos. Paris repete Tóquio e amplia modalidades mistas por mais equidade. Folha de São Paulo, 2024. Disponível em:  
<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2024/07/paris-repete-toquio-e-amplia-modalidades-mistas-por-mais-equidade.shtml> Acesso em: 02 ago. 2024.

PORTRAYAL Guidelines: gender-equal, fair and inclusive representation in sport. International Olympic Committee, 2024g. Disponível em:  
<https://stillmed.olympics.com/media/Documents/Beyond-the-Games/Gender-Equality-in-Sport/IOC-Portrayal-Guidelines.pdf?ved=2ahUKewiN6KrzwKeIAxUnqpUCHep-L1OQFnoECBsQAQ&usq=AOvVaw1AEjb7TWnrs97aK4j8Nqfc> Acesso em: 02 ago. 2024.

RIBEIRO, Bianca Zacché et al. Evolução histórica das mulheres nos Jogos Olímpicos. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 18, Nº 179, Abril de 2013.

RUBIO, Kátia; SIMÕES, Antônio Carlos. De espectadoras a protagonistas-A conquista do espaço esportivo pelas mulheres. Movimento, v. 5, n. 11, p. 50-56, 1999.

SACCHITIELLO, Barbara. Audiência Olímpica: os recordes de Globo e CazéTV. Meio e Mensagem, 13 ago. 2024. Disponível em:  
<https://www.meioemensagem.com.br/olimpiadas/audiencia-olimpica-os-recordes-de-globo-e-cazetv#:~:text=A%20audi%C3%Aancia%20da%20Olimp%C3%ADada%20na%20Caz%C3%A9TV&text=Apenas%20no%20YouTube%2C%20foram%2041,competi%C3%A7%C3%B5es%20ao%20vivo%20no%20canal.&text=No%20balan%C3%A7o%20de%20audi%C3%Aancia%20%20a,os%20128%20milh%C3%B5es%20de%20usu%C3%A1rios> Acesso em: 02 ago. 2024.

SANCHES, Lucas. Operadores de câmeras em Paris 2024 são instruídos a evitar planos sexistas de atletas; entenda. CNN Brasil, 2024. Disponível em:  
<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/olimpiadas/operadores-de-cameras-em-paris-2024-sao-instruidos-a-evitar-planos-sexistas-de-atletas-entenda/> Acesso em: 07 out. 2024.

SANTOS, Igor. Atletas brasileiras fecham Jogos de Paris com desempenho histórico. Agência Brasil, 11 ago. 2024. Disponível em:  
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2024-08/atletas-brasileiras-fecham-jogos-de-paris-com-desempenho-historico> Acesso em: 02 out. 2024.

SOARES, Alcía Rufino. A evolução das ferramentas jornalísticas nas transmissões audiovisuais dos Jogos Olímpicos: uma análise da Olympic Broadcasting Services (OBS). In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 27º, 2024a, Barbacena. Anais de Congresso. Barbacena: Intercom, 2024a.

SOARES, Alcía Rufino. Atletas mulheres nos Jogos Olímpicos de Paris: como os portais online brasileiros repercutiram o insucesso da igualdade de gênero no torneio. In: Seminário Internacional do Coletivo Marta, 1º, 2024b, Belo Horizonte.

WANDERMUREN, Isadora. Participação feminina recorde em Paris 2024: veja a evolução das mulheres nas Olimpíadas. Terra, 2024. Disponível em:  
<https://www.terra.com.br/nos/participacao-feminina-recorde-em-paris-2024-veja-a-evolucao-das-mulheres-nas-olimpiadas,b29bfl3d9959396b08c3204b11fbbcf1qg8h5m2.html> Acesso em: 01 out. 2024.

WOMEN in the Olympic Movement. International Olympic Committee, 2024h. Disponível em:  
<https://stillmed.olympics.com/media/Documents/Olympic-Movement/Factsheets/Women-in-the-Olympic-Movement.pdf> Acesso em: 27 jun. 2024.